

ENERGIA

PABLO VALADARES/AE-15/8/2006

Térmicas a óleo têm produção abaixo do previsto

Para o ONS, problemas nas usinas do Nordeste se devem a dificuldades técnicas e pouco combustível

Nicola Pamplona
RIO

Apontadas como alternativa à perda de águas nos reservatórios das hidrelétricas, as térmicas a óleo também enfrentam problemas de operação na Região Nordeste. De acordo com dados do Operador Nacional do Sistema Elétrico (ONS), 11 usinas no Piauí e no Ceará geraram menos do que o previsto por causa de dificuldades técnicas. A Usina de Jaguariri, na Bahia, também movida a óleo diesel, vem gerando menos do que o previsto em razão da "menor disponibilidade de combustível", segundo o ONS.

Ontem, Jaguariri operou com metade da potência de 101 megawatts (MW) programada, segundo o informativo diário da operação do setor elétrico. Os controladores da usina não foram encontrados para comentar o assunto, mas especialistas dizem que a intensidade das operações nas últimas semanas pode ter provocado o desabastecimento.

"Ainda não fui informado de problemas, mas imagino que seja difícil estabelecer uma logística de suprimento de combustível de uma hora para a outra", diz o diretor-executivo da Associação Brasileira de Geração Flexível (Abragef), Marco Antônio Veloso. A Petrobrás informou que está fornecendo os volumes necessários à usina, que consome 650 mil litros de óleo diesel por dia. Segundo a estatal, a térmica tem estoque de 1,8 milhão de litros, suficiente para quase três dias de operação.

As dificuldades com as térmicas levaram o ONS a usar um volume maior do que o projetado de energia hidrelétrica na quarta-feira. Segundo o informativo diário da operação, a fonte hídrica contribuiu com 36,8 mil MW, 600 MW a mais do que o planejado. Já as térmicas contribuíram com cerca de 800 MW a menos do que os 5,4 mil planejados.

Os reservatórios do Sudeste e Centro-Oeste mantiveram o ritmo de queda de 0,1 ponto porcentual e fecharam o dia com

44,6% da capacidade de armazenamento de energia.

BICOMBUSTÍVEL

A Petrobrás informou ontem que já concluiu os testes para o uso de óleo diesel na térmica Sepé Tiaraju, no Rio Grande do Sul, originalmente projetada para gás natural. A usina é uma das três térmicas da estatal que estão sendo preparadas para usar os dois combustíveis. Com potência de 160 MW, a usina vem gerando entre de 5 MW e 10 MW, para testar os equipamentos.

Segundo a Petrobrás, outras duas térmicas devem ser tornadas bicompostíveis no segundo semestre: Barbosa Lima Sobrinho (RJ), com potência de 366 MW, e Termo-Ceará, com 220 MW. ●

estadao.com.br
Veja a situação dos reservatórios

www.estadao.com.br/e/el



PRESSIONADO - Para Aleluia, o único que merece crédito no governo Lula é o presidente da Aneel

Aleluia culpa Dilma pelos problemas no setor elétrico

Andrea Viana
BRASÍLIA

O vice-presidente do Democratas (DEM), deputado José Carlos Aleluia (BA), que também é engenheiro elétrico e ex-presidente da Companhia Hidrelétrica do São Francisco (Chesf), responsabilizou a ministra-chefe da Casa Civil, Dilma Rousseff, pelo risco de o País enfrentar um apagão elétrico.

Dilma foi ministra de Minas e Energia no período de 2003 a 2005. Na prática, porém, ela nunca se afastou completamen-

te das decisões do setor elétrico. Desde que Silas Rondeau, indicado pelo PMDB, foi afastado da Pasta, em maio passado, após ser envolvido nas investigações da Operação Navalha da Polícia Federal, Dilma indicou um técnico dos quadros do PT, Nelson Hubner, de sua confiança, para assumir interinamente a vaga.

Aleluia também criticou Dilma pela incapacidade de executar um programa de conservação de energia, que deveria ser permanente. Para o deputado, o único responsável na equipe

do setor elétrico do governo Lula é o diretor-geral da Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel), que veio a público alertar para a real possibilidade de racionamento, mas acabou desautorizado por Hubner.

"O diretor-geral da Aneel é a contraposição à ministra Dilma Rousseff, que tenta ocultar a gravidade da situação", disse Aleluia criticou o atraso no início das obras da Usina de Angra III, a licitação das hidrelétricas do Rio Madeira e a negligência em relação à Hidrelétrica de Belo Monte, no Rio Xingu.

Ele também condenou a paralisação do Programa de Energia Renovável, o Proinfa (bagaço de cana, eólica, solar e pequenas centrais hidrelétricas), criado há sete anos. ●

Para especialistas, falta racionalização

Elena Landau e Pinguelli defendem programa para economizar energia

A probabilidade de o governo federal decretar racionamento ainda este ano é "bastante evidente". A avaliação é da consultora da Associação Brasileira das Concessionárias de Energia (ABCE) e sócia do escritório de advocacia Sérgio Bermudes, Elena Landau. A consultora foi diretora de Desestatização do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) no governo Fernando Henrique Cardoso.

"O governo já deveria estar realizando, há seis meses, uma campanha de racionalização do consumo dos recursos energéticos", afirmou a especialista, em entrevista ao AE Broadcast Ao Vivo, serviço de notícias da Agência Estado. Para agravar o quadro, a especialista ponderou que a resposta do consumidor a uma racionalização do consumo tende a ser muito menor hoje do que em 2001.

Segundo Elena Landau, janeiro será fundamental para o setor elétrico brasileiro, pois, a menos que comece a chover ainda este mês, será difícil evitar a falta de energia. A depender do nível de chuvas, a situação dos reservatórios das hidrelétricas tende a se agravar, elevando a probabilidade de problemas no abastecimento. "A perspectiva de existir um problema de escassez de energia é cada vez mais evidente", acrescentou.

"Já está instalada no Brasil uma grave crise de oferta de energia elétrica e o governo parece que não está se dando conta disso", disse Elena. Segundo ela, o governo está equivocando

ao tratar da questão como política. A consultora criticou o ministro interino de Minas e Energia, Nelson Hubner, que descartou novo risco de apagão até 2009, contestando o diretor-geral da Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel), Jerison Kelman.

REAVALIAÇÃO

Para o diretor da Coordenação de Programas de Pós-Graduação de Engenharia da UFRJ (Coppe), Luiz Pinguelli Rosa, o governo precisa com urgência mudar sua avaliação sobre o potencial da crise de energia no longo prazo e adotar um programa de racionalização que possa economizar pelo menos 15% do consumo nacional.

"Não acredito em risco de apagão para este ano. Mas é fundamental que sejam adotadas medidas para que residências e empresas poupem energia, pois o nível dos reservatórios é preocupante e a situação do setor pode piorar."

Segundo Pinguelli, há o sério perigo de as incertezas sobre o fornecimento de energia reduzirem a expansão dos investimentos das empresas, comprometendo o crescimento da economia.

"O governo deveria aproveitar o atual ciclo de ampliação de investimentos das empresas para estimulá-las a empregar novos equipamentos que poupem energia." Ele disse ainda que "é importante evitar erros cometidos no passado".

● LUCIANA XAVIER, WELLINGTON BAHNEMANN ● RICARDO LEOPOLDO